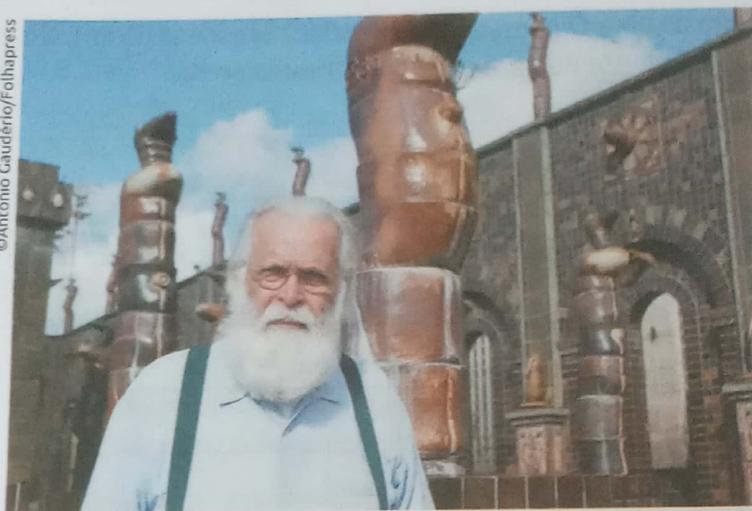




©Antônio Gaudério/Folhapress



O artista ao lado de suas obras, na Oficina Brennand

Francisco Brennand (1927-2019) foi um artista pernambucano que usava a argila como matéria-prima fundamental. Em Recife, suas obras podem ser vistas em dois espaços culturais: Oficina Brennand e Parque das Esculturas Francisco Brennand.

Junto com o escritor Ariano Suassuna, Brennand participou do Movimento Armorial, que tinha como objetivo criar uma arte erudita baseada na cultura popular nordestina.

©Shutterstock/Marcio Jose Bastos Silva



A Oficina Brennand é um museu criado pelo artista em 1971. Reúne aproximadamente 2 mil obras, entre esculturas, murais, pinturas, desenhos e objetos.

Música ¹⁴ Encaminhamento do conteúdo e leitura complementar.



A palavra "música" é de origem grega e significa "arte das musas". A música desse tempo era cantada por uma só voz e estava sempre presente em rituais, batalhas, festas e momentos de lazer.

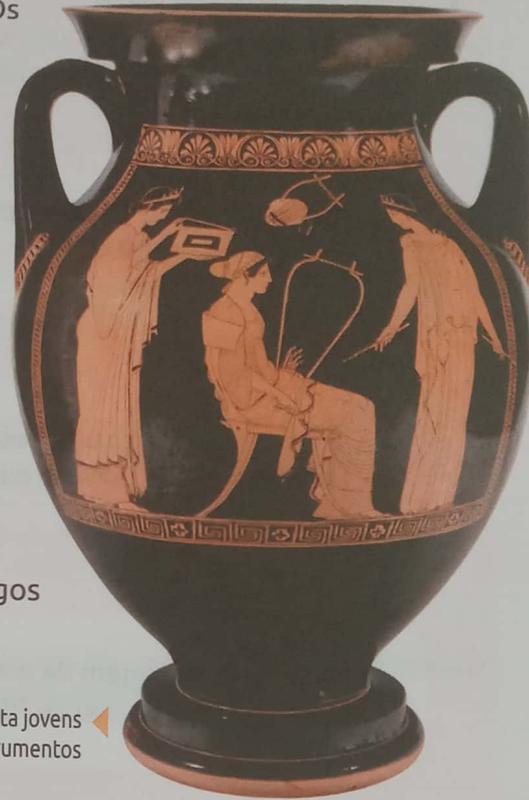
Na Grécia Antiga, a música também estava relacionada aos deuses: Apolo, deus da beleza, era considerado protetor dos músicos; e Pã, deus dos bosques, tocava uma flauta de vários tubos.

Para os gregos, não havia poesia sem música. Os poemas eram recitados ou cantados, sempre com acompanhamento de uma lira, por poetas e músicos denominados "aedos".

A cultura grega antiga era centrada no racionalismo, por isso criou regras, normas e leis científicas para a música. Essas regras foram estabelecidas por meio de estudos que influenciaram as formas musicais de outros povos.

Os gregos inventaram uma maneira própria de ensinar música com base na matemática. O filósofo e matemático Pitágoras estabeleceu as proporções numéricas para cada intervalo musical (escala usada para medir a distância entre as notas).

Os principais instrumentos utilizados pelos gregos eram a lira, os flautins e a harpa.



©Niobid Painter/Wikimedia Commons

Esta peça de cerâmica grega retrata jovens musicistas com seus instrumentos

Roma Antiga ¹⁵ Aprofundamento do conteúdo.

Da arquitetura às artes cênicas, a cultura grega exerceu forte influência sobre as manifestações culturais de Roma. No entanto, os romanos superaram e ampliaram esses conhecimentos desenvolvendo criações artísticas independentes e originais.

Teatro

O teatro romano era uma espécie de ritual de celebração onde havia jogos, encenações e danças. A primeira peça teatral romana era do gênero **satírico**, muito popular, e seus versos eram cantados. Os romanos criaram a **pantomima**: por meio de mímica, um ator mascarado representava todos os papéis.

satírico: relacionado às sátiras, peças curtas e engraçadas com o objetivo de fazer uma crítica político-social.

pantomima: forma teatral em que os artistas se expressam por meio do corpo e de expressões faciais, sem utilizar palavras.



Fabianojmoura, 2019. Digital.

Na tragédia romana, as peças eram mais destinadas à leitura que à representação. As tragédias de Sêneca, como *Édipo* e *Agamenon*, foram traduzidas pelos humanistas, no Renascimento, e exerceram grande influência no teatro europeu.

Já a comédia romana, no princípio, era uma imitação do teatro grego. Entre seus representantes, estão Plauto, autor de peças como *Anfitrião* e *A comédia do fantasma (Mostellaria)*, e Terêncio, autor de peças como *O punidor de si mesmo* e *A sogra*.

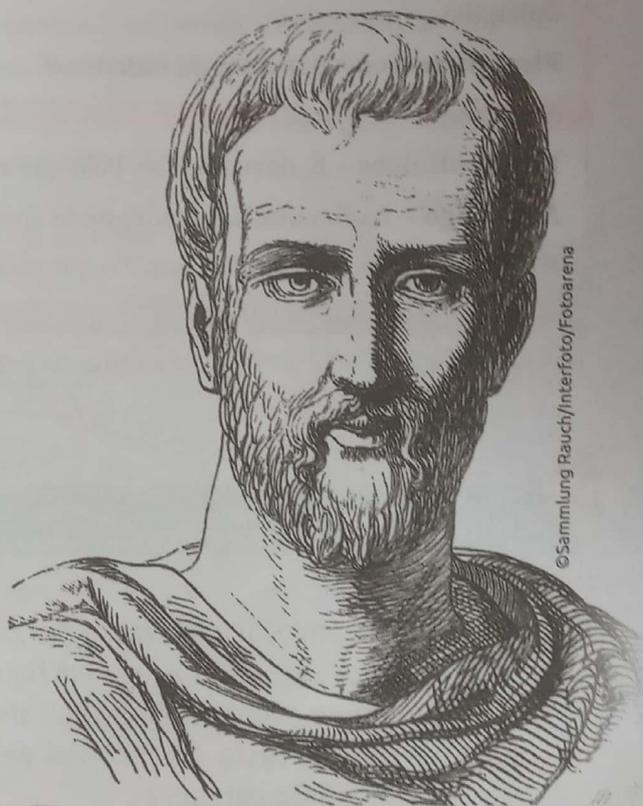
A arte dramática dos romanos também fundiu elementos da tragédia e da comédia, dando origem a um novo gênero: a tragicomédia.

Nas representações, tanto o poeta quanto o historiador e o orador eram avaliados pela **retórica**, recurso utilizado nos gêneros da tragédia, tragicomédia e comédia.

retórica: arte de falar bem e construir bons argumentos.

O assunto das comédias era quase sempre o mesmo: as aventuras de um jovem *adolescens* (literalmente “adolescente”) em busca do amor proibido [...] e as dificuldades para conseguir dinheiro [...] ou para obter a aprovação do pai para casar-se com uma moça de estatura social geralmente inferior – ou seja, não cidadã. As comédias possuem, em geral, final feliz, e quase sempre contam com um escravo protagonista, responsável por auxiliar o jovem senhor em maquinações e enganos para conseguir o dinheiro necessário à sua realização amorosa.

CARDOSO, Leandro; GONÇALVES, Rodrigo T. Disponível em: <<https://escamandro.wordpress.com/2014/07/21/a-poetica-da-comedia-nova-romana-por-rodrigo-tadeu-goncalves-e-leandro-cardoso/>>. Acesso em: 6 jun. 2019.



©Sammlung Rauch/Interfoto/Fotoarena

Tito Mácio Plauto, importante autor de comédias romano

A peça *O soldado fanfarrão*, uma das mais antigas comédias de Plauto, foi escrita por volta de 205 a.C. Ela coloca em evidência a figura de um soldado vaidoso, Pirgopolinices. Esse soldado representa o estereótipo de um personagem arrogante, que esconde sua insegurança vivendo perto de um parasita, Artotrogo, o qual ganha a vida bajulando-o. A visão distorcida que o soldado tem de si mesmo e as espertezas de Artotrogo criam as situações cômicas do texto.

Leia um trecho da peça.

Artotrogo – [...] Pra que ficar me contando sua proezas a mim, que já conheço todas! (*para o público*) É o estômago que me obriga a aguentar essa encheção [...]; pra boca poder mastigar, os ouvidos têm que ficar ouvindo esse monte de baboseira.

Pirgopolinices – Mas o que é que eu ia dizer mesmo?

Artotrogo – A verdade. Sei perfeitamente que o que o senhor ia dizer é a pura verdade.

Pirgopolinices – Mas o quê?

Artotrogo – O que quer que seja...

Pirgopolinices – Você por acaso tem aí...?

Artotrogo – Uma tabuinha de escrever? Mas é claro que eu tenho. [...]

Pirgopolinices – Puxa, mas parece que você adivinha os meus pensamentos!

Artotrogo – E não faço mais do que minha obrigação, senhor. Estou sempre atento pra farejar de longe qualquer desejo seu.

Pirgopolinices – Por acaso, você se lembra...

Artotrogo – Claro que me lembro: cento e cinquenta na Cilícia, cem na Citrolatrônia, trinta sardos e sessenta macedônios: essa foi a quantidade de homens que o senhor matou em um único dia.

Pirgopolinices – E quanto dá tudo isso?

Artotrogo – Sete mil!

Pirgopolinices – É, deve ser isso. Pelo que sei você é bom de conta.

Artotrogo – E olha que não tenho nada anotado; sei tudo de cabeça.

Pirgopolinices – Caramba! Isso é o que eu chamo de memória!

PLAUTO. *O soldado fanfarrão*. Tradução e adaptação de José Dejalma Dezotti. Araraquara: Unesp, 1999, p. 14-15.



atividades



Organizem-se em duplas e façam a montagem da cena cômica de *O soldado fanfarrão*. Inspirem-se na cultura greco-romana e preparem figurino, maquiagem, cenário e sonoplastia. Ensaiem o texto e apresentem-se para a turma. Se gostarem do resultado, as duplas podem reapresentar a cena no evento **Artes em festa**. No **material de apoio**, há criações da cultura greco-romana que podem servir de inspiração para vocês.

Na Roma Antiga, os teatros eram enormes, com capacidade para 40 mil pessoas. O maior deles foi o Teatro de Marcelo. Os espetáculos teatrais disputavam o público com as lutas dos gladiadores, muito apreciadas na época.



Teatro de Marcelo, Roma

O anfiteatro: pão e circo 16 Encaminhamento do conteúdo.

Os dois traços característicos do Império Romano, tanto em questões de arte quanto de organização, eram a síntese e o exagero, que podem também ser encontrados nas formas específicas do teatro romano. O drama sozinho não oferecia campo suficiente para a exibição do poder e esplendor. O teatro da Roma imperial queria impressionar. Na verdade, ele precisava impressionar num império que abrangia desde o extremo norte da Germânia até as costas da África e a Ásia Menor. Onde quer que as legiões romanas pisassem, eram seguidas por “jogos” que forneciam diversões e sensações de todo tipo, para manter o moral nas fileiras romanas e entre os povos conquistados.

Dentro dos territórios periféricos da civilização helenística, os romanos [realizavam] açulaamentos de animais, jogos de gladiador e [...] batalhas navais [...]; no coração do império, ao contrário, construíram o anfiteatro especificamente romano, desenhado para espetáculos de massa.

BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 155.

©Shutterstock/Giuseppe Messina

Coliseu, Roma

